

Redução de gasto social levará País à estagnação, afirma economista

SUSPEITA

Alexandre Buchacra Araújo participou de comitativas antes da nomeação, em 2015

BRASÍLIA

Agência Câmara

A reforma da Previdência (PEC 287/16) poderá levar o País à estagnação econômica. A afirmação foi feita na quarta-feira, 29, pelo economista e professor da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** Marcio Pochmann, em audiência pública na comissão especial que analisa o texto enviado pelo governo. Pochmann afirmou que a reforma vai reduzir os gastos sociais do governo. Ele ressaltou que, como esses gastos representam 23% do Produto Interno Bruto (PIB) e têm efeito multiplicador sobre a economia, o crescimento será afetado e o País terá dificuldade de combater o desequilíbrio fiscal.

"Não há saída para o déficit com redução de gastos. Não me parece que a saída será a forma como está sendo encaminhada a reforma da Previdência, pois podemos ter um tiro no pé, na medida em que pode induzir a queda da arrecadação", disse o economista, que presidiu o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) entre 2007 e 2012.

"Se viermos a comprometer o gasto social, o Brasil pode entrar num ciclo de longa duração de estagnação, ele não sai da recessão", declarou Marcio Pochmann.

Um dos argumentos do governo para propor as mu-



Marcio Pochmann diz que reforma da Previdência pode ser um tiro no pé

danças na Previdência é reduzir o desequilíbrio fiscal da União, que convive há três anos com déficits primários crescentes. Para este ano, a previsão é de novo déficit.

Para Pochmann, a redução dos benefícios previdenciários e assistenciais vai forçar os trabalhadores a manterem-se empregados ou buscar novos empregos para comple-

mentar a renda, elevando a taxa de desemprego. A previsão dele é que a reforma poderá levar a taxa para um patamar de até 25%. Segundo o IBGE, a taxa atingiu 11,5% em 2016.

mentar a renda, elevando a taxa de desemprego. A previsão dele é que a reforma poderá levar a taxa para um patamar de até 25%. Segundo o IBGE, a taxa atingiu 11,5% em 2016.

DESEMPREGO

Com mais gente desempregada, a massa salarial da economia se reduzirá, dimi-

nuindo, também a arrecadação previdenciária. "Quando você torna mais difícil a pessoa se aposentar, desestimula o trabalho formal, desestimula a contribuição para a Previdência", disse. Para o economista, o saldo da reforma será mais pobreza e menos crescimento.

A afirmação de Pochmann foi rebatida por parlamentares favoráveis a mudanças na Previdência. Para o 1º vice-presidente da comissão especial, deputado Marcus Pestana (PSDB-MG), a Previdência brasileira possui um déficit elevado que, se não for combatido, poderá piorar a situação das contas públicas e da economia.

"Se não tiver o ajuste, e a Previdência é parte central nisso, vamos novamente empurrar o Brasil para a beira do abismo. Teremos o aumento do desemprego e da recessão e vamos destruir qualquer retomada do desenvolvimento sustentável", disse.

Pestana criticou ainda quem afirma que a Previdência não possui déficit. Segundo ele, os três conceitos que podem ser usados para medir as contas do sistema (orçamentário, contábil e atuarial) indicam "déficit relevante".

Já o deputado José Carlos Aleluia (DEM-BA) disse que a reforma vai preparar o País para a retomada do crescimento. "A reforma é muito boa para quem for governar o Brasil a partir de janeiro de 2019: vai encontrar um Brasil em melhores condições para crescer", disse.

INVESTIMENTO

Contrária à PEC 287, a deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ) concordou com Marcio Pochmann e disse que a saída para a crise econômica e fiscal é o investimento público, principalmente na área social. "A saída é a economia, não é mudança da regra da cobertura dos gastos sociais. A gente tem falado isso aqui", disse.

Para o deputado Pepe Vargas (PT-RS), a mudança nas regras previdenciárias só deveria ser discutida em momentos de crescimento econômico e não agora, quando o País passa por uma recessão. "Em um ambiente de crescimento econômico, poderíamos discutir aumento da idade média [de se aposentar]. Mas não é o que está acontecendo agora", criticou.